



GT 023. Antropologia, gênero e saúde no contexto neoliberal e neoconservador no Brasil: desafios e estratégias de enfrentamento

Rozeli Maria Porto (UFRN) - Coordenador/a, Mônica Franch (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a

Nas últimas décadas, o avanço na pesquisa antropológica sobre as articulações entre gênero, saúde e sexualidade tem evidenciado problemáticas importantes no campo dos Direitos Humanos e fundamentais. Reflexões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva de mulheres e homens, em suas várias orientações de gênero e sexualidade, têm provocado aos pesquisadoras em um campo moral a pensarem no entrecruzamento desses direitos com diferentes marcadores sociais da diferença. Essas questões se tornam urgentes num contexto hodiernamente sombrio no país, marcado pela implantação de um projeto econômico e socialmente excludente, que está levando ao desmonte de políticas públicas de saúde. Os direitos relativos ao aborto, ao parto humanizado, o acesso a serviços de saúde para travestis e transexuais ou, ainda, a prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis, como o HIV/Aids, estão cada vez mais ameaçados diante de tais circunstâncias. Frente aos desafios impostos por esse contexto neoliberal e neoconservador, a proposta deste GT é refletir sobre as estratégias teóricas, metodológicas e políticas que estamos desenvolvendo no cotidiano de nossas pesquisas em torno das questões de gênero, saúde e sexualidade. Podem girar em torno de temas como maternidade, aborto, HIV/Aids, Tec. Reprod., diversidade sexual e transexualidade, e suas articulações entre gênero, classe, raça, etc; relações e/ou conflitos com o Estado; fluxos de poder, influências políticas, morais e/ou religiosas.

Sonhos in vitro: maternidade em tempos de reprodução assistida

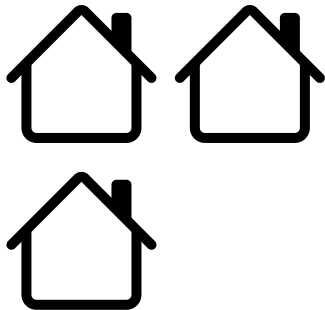
Autoria: Lídia Marcelle Arnaud Aires

Apesar da ênfase na emancipação feminina que passa pela não obrigação de reproduzir e das significativas reelaborações acerca do que é ser mãe – em grande medida como herança das propostas feministas – que marcam a sociedade contemporânea, não são poucos os ditos populares ainda em voga a exaltar a figura materna. Assim como não é rara a utilização de discursos que mencionam a maternidade como experiência única que permite à mulher ser “verdadeiramente” uma mulher. Concomitantemente, lidamos com frases e propagandas veiculadas por clínicas especializadas em reprodução assistida que “convidam” as mulheres à realização de um sonho, o sonho da maternidade que não pode se concretizar em seus corpos pelas vias da natureza. Trata-se de um sonho construído social e comercialmente (com o precioso auxílio da indústria farmacêutica) e divulgado através de recursos de marketing que atuam no sentido de seduzir seu público potencial. Na busca por filhos/as de seu “próprio sangue”, “carne da sua carne”, é revelado o poder ideológico do sangue na construção do parentesco e da maternidade. Pretendemos, com este artigo, analisar o que motiva as mulheres a procurar e se submeter a tratamentos custosos financeira e emocionalmente sem ter garantia da eficácia ao final do tratamento. O que está por trás desta escolha? Assistimos a uma “retomada” não apenas da necessidade de ser mãe, mas de sê-lo pela via do biológico, com um suposto recrudescimento da família biológica que as novas tecnologias sinalizam. Um sonho que pode ser realizado através do “consumo” das tecnologias disponibilizadas para mulheres que desejam ser mães a “qualquer preço”. A lacuna representada pela incapacidade de gerar descendentes, na sociedade contemporânea ocidental, acabou se tornando alvo de investimentos e os médicos são representados como anjos, como enviados de Deus aos olhos do público que sofre com a ausência involuntária de filhos/as, na medida em que são eles que podem preencher o vazio ou eliminar a vergonha que advém dessa ausência, para muitos casais ou mulheres.

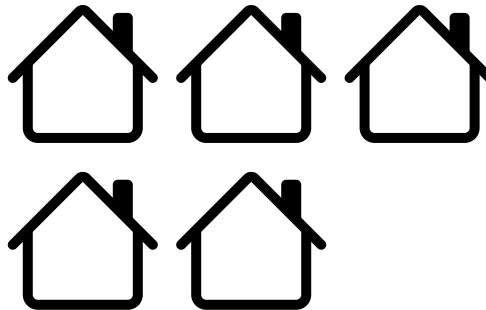




Realização:



Apoio:



Organização:

